

O SETOR SUCROALCOOLEIRO BRASILEIRO E A COMPETITIVIDADE ENTRE OS ESTADOS DE MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL

Carlos Magno da Silva¹
Marcos Tertuliano de França²
Graciela Cristine Oyamada³



RESUMO

O crescimento da demanda por combustíveis renováveis representa forte impulso à cadeia sucroalcooleira nacional. No entanto, o açúcar é importante fonte de energia alimentar, e o álcool tem se consolidado, pelo menos na matriz energética brasileira, como significativa fonte de energia alternativa. O Brasil se destaca, em ambos os mercados, como principal país produtor, consumidor e exportador, por causa de sua competitividade na produção da matéria-prima mais eficaz para a fabricação de açúcar e álcool. Além disso, o sistema agroindustrial sucroalcooleiro brasileiro, especificamente o Centro-Sul, apresenta-se mais competitivo e dinâmico. O objetivo deste artigo é empreender uma análise da competitividade do setor sucroalcooleiro encontrada no Brasil, diante do cenário doméstico e mundial, apontando os principais determinantes desse setor nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. **Palavras-chave:** sucroalcooleiro, competitividade, Mato Grosso

ABSTRACT

The growth of the demand for renewable fuels represents a strong impulse to the chain sucroalcooleira national. However, the sugar is an important fountain of food energy and the alcohol has if consolidated, at least in the Brazilian energetic womb, like an important fountain of alternative energy. Brazil stands out in both markets, like main producing, consumer

1 Docente do Curso de Ciências Econômicas do UNIVAG-Centro Universitário - Ciências Econômicas. E-mail: cmcmagno70@gmail.com.

2 Docente do Curso de Ciências Econômicas do UNIVAG-Centro Universitário. E-mail: marcostertu@hotmail.com.

3 Docente do Curso de Ciências Econômicas do UNIVAG-Centro Universitário - Ciências Econômicas. E-mail: gracielagra@hotmail.com

and exporting country, because of his competitiveness in the production from the most efficient raw material for manufacture of sugar and alcohol. Besides, the system agroindustrial sucroalcooleiro Brazilian, specifically the south center, presents itself more competitive and dynamic. The objective of this article is to do an analysis of the competitiveness of the sector sucroalcooleiro found in Brazil, before the domestic and world-wide scenery, pointing main to determinants of this sector in the states of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul.

Keywords: sucroalcooleiro, competitivenes, Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

Acontecimentos recentes atraíram a atenção do mundo para a cadeia produtiva de açúcar e álcool no Brasil, deflagrando uma corrida de investimentos nesse setor. Em 2006, mais de 350 unidades industriais (usinas e destilarias) estavam em operação no Brasil, ao passo que outras 126 já estavam em fase de projeto/construção. Essa nova onda de expansão do setor sucroalcooleiro vem acompanhada de um aumento no emprego e na renda. Estima-se que, em 2006, cerca de 4,6 milhões de trabalhadores estivessem direta ou indiretamente associados ao setor sucroalcooleiro (MARIANTE, 2007, apud SATOLO, BACCHI, 2008).

O açúcar foi um dos principais pilares do desenvolvimento do Brasil, configurando, desde a época colonial, elemento diferenciado nas relações com o mundo. Já no decurso do século XX, mais especificamente na década de 1970, os brasileiros ensaiaram, de maneira visionária, uma experiência que, trinta anos depois, resultaria em uma das mais eficazes alternativas em termos de combustível para movimentar a frota de carros (Anuário Brasileiro da Cana-de-Açúcar, 2007). Trata-se do

Programa Nacional do Álcool (Proálcool), criado pelo governo em 1975 e baseado na experiência acumulada da produção e do uso de álcool combustível como alternativa para diminuir a vulnerabilidade energética do país (SATOLO e DIEHL, 2008).

Segundo Satolo e Diehl (2008), o álcool etílico (etanol) adquiriu importância significativa na matriz energética nacional. Porém, a partir de 1985, as alterações no preço do petróleo, a redução do diferencial de preços entre a gasolina e o álcool e os problemas de distribuição de combustíveis ocasionaram uma mudança no rumo da política energética brasileira, gerando queda na produção do etanol. Novas perspectivas foram determinadas para o álcool combustível desde 2003, com a criação dos carros bicombustíveis.

Em nível mundial, o Brasil é o país mais avançado no domínio tecnológico da produção e no uso do etanol como combustível, seguido pelos EUA e, em menor escala, pela Argentina e Quênia, entre outros. A produção mundial de álcool se aproxima dos 40 bilhões de litros, dos quais se presume que até 25 bilhões de litros sejam utilizados para fins energéticos. O álcool é utilizado em mistura com a gasolina no Brasil, EUA, União Europeia, México, Índia, Argentina, Colômbia e, mais recentemente, no Japão, enquanto que o uso exclusivo de álcool, como combustível, está concentrado no Brasil. O ganho de escala, a prática empresarial e as inovações tecnológicas tornaram o etanol brasileiro competitivo como fonte de energia, revelando-se, dessa forma, promissor à produção brasileira em escala mundial (GAZZONI, 2003, apud VIEIRA JUNIOR et al, 2009).

A década de 1990 foi marcada pela desregulamentação no setor sucroalcooleiro, iniciando com a extinção do Instituto do Açúcar e do Alcool, implicando mudanças organizacionais e institucionais, notadamente a não fixação de preços e o relaxamento das cotas de produção pelo governo. O fim da intervenção pública estimulou a reorganização do setor privado, na busca por novos mercados e formas de comercialização, além da ênfase no aumento da produtividade da terra e do capital, contrapondo-se à lógica das décadas de 1970 e 1980 de expansão de área (MORAES, 1999, apud VIEIRA JUNIOR et al, 2009).

O objetivo deste artigo consiste em fazer uma análise da competitividade do setor sucroalcooleiro encontrada no Brasil, diante do cenário doméstico e mundial, apontando os principais determinantes desse setor nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A problemática consiste em investigar como está a atual situação sucroalcooleira nos referidos Estados. Entretanto, para o diagnóstico do trabalho, em um primeiro momento, procurou-se observar a situação da cultura da cana-de-açúcar no Brasil, e o sistema agroindustrial. Some-se, ainda, a competitividade do setor sucroalcooleiro em âmbito nacional, enfatizando a região Centro Sul e, em especial, os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, apresentando, para finalizar, as considerações finais a respeito do tema.

2 CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL

A cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*), é extremamente eficaz na fixação do CO₂ e no uso de água e de nutrientes, portanto indicada para regiões tropicais, o que

contribui significativamente para a fixação do CO₂ atmosférico e para a redução na taxa de aquecimento global. Para responder com alta produtividade, a cana-de-açúcar requer solos corrigidos e equilibrados, daí não se adaptando à condição de cultura pioneira. No Brasil, encontra condições climáticas favoráveis para se desenvolver em quase todo território, exceto no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, por força do risco de geadas (CAMARA e OLIVEIRA, 1993, apud VIEIRA JUNIOR et al., 2009).

No Brasil, sua produção se concentra em duas regiões distintas, segundo os regimes de precipitação pluvial, descrita por Camara e Oliveira (1993, apud Vieira Junior, 2009): I) composta pelos Estados das regiões Norte e Nordeste, destacando-se Alagoas e Pernambuco; e II) composta pelos Estados das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, com destaque para São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

A atividade canavieira nacional vive hoje uma das melhores fases de sua longa história. As safras brasileiras de cana-de-açúcar, em 2007 e 2008, foram superiores às dos anos anteriores em todas as regiões, apresentando-se predominantemente alcooleira: 53% do total a ser esmagado irá para a extração de 20,8 bilhões de litros de álcool e 47% será destinado à fabricação de 29,6 milhões de toneladas de açúcar (Companhia Nacional de Abastecimento - Conab, 2007). Foram colhidas 549,9 milhões de toneladas de cana, volume 15,8% superior ao do ciclo passado, configurando uma das maiores safras já ocorridas no País (SATOLO e DIEHL, 2008).

Tal expansão ocorreu de forma heterogênea, até mesmo no

interior das regiões produtoras: na região Norte-Nordeste, por exemplo, a maior parte do incremento observado na produção de 1940 a 1960 pode ser atribuído a Pernambuco, enquanto o Estado de maior projeção entre 1970 e 1990 é Alagoas; no Centro-Sul, a hegemonia paulista nem sequer chega a ser ameaçada pelo crescimento observado na produção de todos os demais Estados da região, vistos em seu todo.

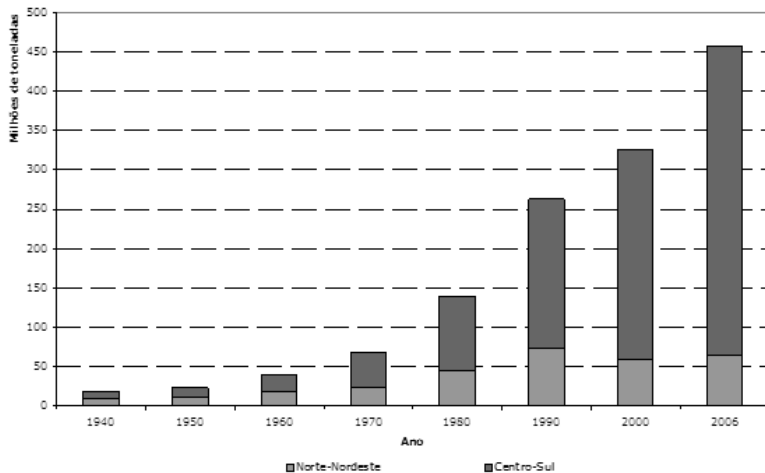


Gráfico 1 – Evolução da produção de cana-de-açúcar no Brasil, por região produtora (anos selecionados).

Fonte: IBGE (2007, apud Satolo, 2008).

Atualmente, a expansão sucroalcooleira tendeu a se concentrar nos Estados do Centro-Sul, particularmente São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, com a área plantada com cana-de-açúcar passando, nessa região, de 3,73 milhões de hectares, em 2000, para 5,02 milhões de hectares, em 2006, crescimento de 34,6% (IBGE, 2008). Para isso, foram sendo ocupadas áreas destinadas, anteriormente, a outras atividades agropecuárias, quando não com pastagens. Também têm-se observado a intensificação da mecanização da lavoura canavieira, com destaque para o crescimento da área

colhida com máquinas, que passou de 16%, em 1997, para 34%, em 2006, no Centro-Sul (PAES, 2007, apud BACCARIN, 2008).

Para o Centro-Sul do Brasil, região que concentra cerca de 90% da produção sucroalcooleira do País, a Conab (2008) projetou a safra de cana 2009/2010 entre 557,7 e 569 milhões de toneladas, ante 506,7 milhões no ano anterior. A produção de álcool do Centro-Sul foi estimada em 25,6 e 26,4 bilhões de litros, contra 24,3 bilhões em 2008/2009, enquanto a de açúcar foi projetada entre 31,8 e 33,1 milhões de toneladas, diante dos 27,1 milhões no ano de 2008.



Safra	Cana-de-açúcar		Açúcar		Álcool	
	1000t	Índice	t	Índice	1.000 t	Índice
1999/00	1.520	100	93.921	100	63.137	100
2006/07	1.993	131	136.809	146	85.830	136

Tabela 2. Produção média de cana-de-açúcar, açúcar e álcool dos grupos sucroalcooleiros, Centro-Sul do Brasil, safras 1999/00 e 2006/07.

Fonte: Elaborada com os dados básicos de *Jornal da Cana* (2000; 2007), apud Baccarin et al. 2009)

Apesar do aumento do volume total, que pode chegar a 10% no Brasil, a Conab (2008) expõe que a crise econômica afetou o setor e fez com que ocorresse menor investimento nos canaviais. Entretanto, o crescimento da produção ocorreu em, praticamente, todos os Estados no Centro-Sul, com destaque para Goiás (47,3%), Mato Grosso do Sul (28,7%), Paraná (20,2%) e Minas Gerais (14,9%).

Conforme Vieira Junior et al. (2009), os Estados da região Centro-Oeste, sobressaindo Goiás, tem a maior produtividade, porém com área colhida menor que a do Estado do Mato Grosso. Essa situação pode ser atribuída ao rendimento da cultura, o qual

creceu em taxa superior ao ocorrido em Mato Grosso⁴ e ao Mato Grosso do Sul, como consequência da logística privilegiada desse Estado para escoamento da produção, a qual estimulou investimentos em tecnologia. O aumento da produção de cana-de-açúcar em Goiás, somado ao aumento no rendimento da cultura, foi consequência da expansão de área (4,7% a.a. entre 1970 e 2005), que se deu em detrimento das áreas de outras culturas temporárias⁵.

No Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, a situação de expansão da cana-de-açúcar não difere muito da verificada em Goiás, segundo Vieira Junior et al. (2009). Porém, considerando-se que a estrutura fundiária desses Estados é mais concentrada que Goiás e, portanto, mais propícia à produção de cana-de-açúcar, é possível inferir uma maior expansão da produção dessa espécie nesses Estados do que em Goiás.

Conforme Vieira Junior et al. (2009), a expansão da produção de cana-de-açúcar provocará o deslocamento da produção agrícola nas regiões Centro-Norte e Leste do Estado de Mato Grosso do Sul. Assim, é possível que a cana-de-açúcar, que ocupou 4,2 e 9,1% da área colhida com culturas temporárias em 2005 nas regiões citadas, venha a encampar áreas cultivadas com soja e milho, culturas que ocuparam cerca de 65% e 11%, respectivamente, da área colhida com culturas temporárias em 2005, no atinente às duas regiões.

4 Entre os anos de 1970 a 2005 o rendimento de cana-de-açúcar cresceu 1,6 % a.a. em Goiás, 1,2 % a.a. no Mato Grosso do Sul e 0,3 % a.a. no Mato Grosso.

5 Segundo IBGE (2007), entre os anos de 2000 e 2005, no grupo de lavouras temporárias, as participações relativas das áreas colhidas de milho, feijão e arroz passaram de 27,5 para 14,4%, 3,7 para 2,7% e 4,9 para 4,3%, respectivamente, enquanto a cana-de-açúcar passou de 4,5 para 5,1% no mesmo período.

Estado	Usinas
GO	10
RJ	3
PR	3
MG	12
MT	2
MS	7
SP	44



3 SISTEMA AGROINDUSTRIAL DA CANA-DE-AÇÚCAR

O Sistema Agroindustrial (SAG) da cana-de-açúcar é um dos mais antigos, amarrado que está aos principais eventos históricos, por ser de enorme importância ao Brasil. O país é, juntamente com a Índia, o maior produtor mundial de cana-de-açúcar. Isoladamente, é o maior produtor de açúcar e de álcool e o maior exportador mundial de açúcar.

Na produção de cana-de-açúcar, basicamente, dois subsistemas regionais convivem no Brasil, um no Centro-Sul e outro no Norte-Nordeste, sendo o primeiro mais competitivo e dinâmico que o segundo. Diante disso, os principais produtos gerados pelo SAG são o açúcar, o álcool e outros subprodutos, conforme se depreende, resumidamente da visão de Waack e Neves (1998).

I) Açúcar – extraído através do caldo proveniente do esmagamento da cana-de-açúcar, com posterior branqueamento, decantação, evaporação, flotagem e cristalização. Existem diversos

tipos de açúcar para diversos destinos, seja para o consumidor final (refinarias), seja para os diversos segmentos do mercado industrial de alimentos e bebidas, cada qual com seu valor no mercado, além das tradings, principal canal de exportação. Da sucroquímica, podem-se extrair glicose, frutose, glicerina, ácidos, sorbitol e sucralose, entre outros. De outras fermentações, podem-se obter acetonas, antibióticos (penicilina, tetraciclina), enzimas industriais (amilases, proteases), vitaminas (C, B2, B12), aminoácidos (lisina, fenilalanina) e insumos biológicos para a agricultura (bioinseticidas e fertilizantes).

80

II) Álcool – proveniente da fermentação do caldo de cana, submetido a posterior destilação. Basicamente são três tipos: o neutro, usado na elaboração de bebidas em geral, cosméticos, e produtos farmacêuticos; o hidratado carburante (96° GL – 96% de álcool e 4% de água), usado para consumo direto nos automóveis e na indústria química; e, finalmente, o anidro (99,5° GL), que é adicionado à gasolina na proporção de 24%. Derivados do álcool existem os produtos da alcoolquímica, notadamente de dois grupos: os desidratados (etilenos) e os desidrogenados (acetildeídos).

III) Subprodutos: bagaço de cana: resíduo fibroso da moagem. É utilizado como combustível nas unidades geradoras de vapor (caldeiras) para movimentar turbinas e gerar energia utilizada na moagem, igualmente para eventual retorno à rede pública de distribuição. Também é usado nas caldeiras de indústrias citrícolas, de papel e celulose e outras, de igual modo para geração de energia. Gera, da mesma forma a pasta de celulose para produção de papel, podendo ser usado na alimentação animal. As folhas e pontas têm, destino igual ao do bagaço. Em 1997, 23% do consumo de energia do Estado de São Paulo veio da cana-de-açúcar, sob a forma de álcool ou bagaço,

perdendo apenas para o petróleo.

A vinhaça – resíduo resultante da destilação, usado como fertilizante na irrigação da lavoura e a levedura – utilizada como insumo na indústria de alimentos e na indústria de ração animal. É o suplemento proteico mais barato até hoje encontrado. Também podem, através de acoplagem de equipamentos, ser produzidos produtos da álcoolquímica e da sucroquímica. Igualmente a água de Lavagem, com uso para biogás e fertirrigação,

4 CANA-DE-AÇÚCAR E O SETOR SUCROALCOOLEIRO

A moderna agenda da cana-de-açúcar transformou a indústria sucroalcooleira, tradicional produtora de bens alimentícios, em energia. Nessa perspectiva, o açúcar deixou de ser o principal produto e, após os anos 80 do século XX, passou a ser tratado como energia. De acordo com Marta (2008), o apelo ambiental trouxe consigo duas importantes novas alternativas:

1) o álcool como energia veicular, com baixo índice de emissão de carbono;

2) o bagaço de cana, retomando o antigo uso de gerador de calor e vapor, agora associado a cogeração de eletricidade, havendo, para tal, maior regulação de caldeiras e controle no consumo do bagaço.

O desenvolvimento tecnológico permitiu a substituição do trabalho braçal na cana queimada, de triste memória aos movimentos sindicais e ambientais, pela colheita de cana crua, cujo maior volume de massa verde ampliou a produção de energia.

Segundo Marta (2008), é relevante observar que as

mudanças tecnológicas e ambientais sofridas pela empresa sucroalcooleira a transformaram em empresa de energia, cujo escopo de produtos apresenta alimentos — como açúcar de diversas formas —, energia para consumo humano e animal — como bagaço hidrolisado usado no confinamento — geração de energia, como calor, vapor e eletricidade, além de outros subprodutos.

O chamado complexo sucroalcooleiro da cana-de-açúcar possibilitou em 2004, no Brasil, uma receita anual de, aproximadamente, R\$ 6,65 bilhões, considerando uma produção estimada em 338 milhões de toneladas de cana por safra. Sua importância pode ser reconhecida por sua participação no PIB, em torno de 4%, e como fonte de postos de trabalho, com 1,2 milhões de trabalhadores (MARTA, 2008).

No ano de 2007, estabeleceu-se uma discussão decorrente da necessidade americana de encarar aspectos como o aquecimento global e a “promessa de articulação de interesses representados na chamada agroenergia, considerando variáveis sociais, econômicas e ambientais”, que receberam apoio da mídia internacional, retomando discussões de um possível confronto entre a produção de energia e a de alimentos. Naturalmente, por se tratar de energia, ocorrem lembranças de impactos geopolíticos relativos à substituição das fontes de energia fóssil, como carvão e petróleo, cujos interesses são bastante conhecidos, diante das consequências reveladas em guerras e distúrbios (MARTA, 2008).

O ambiente de negócios pode ser mais confiável, à luz da gestão empresarial e da ação de investidores nacionais e

estrangeiros, em que profissionais procuram desvelar uma nova dinâmica. Nesse mister, procura-se atender as potenciais demandas, cujo quadro mais geral é de expansão, no qual é necessário ampliar a produção. Graças a essa produtividade, adequando os preços aos mercados internacionais, faz-se notar a presença brasileira em produtos como suco de laranja, soja, etanol, carnes, mas também os sucroalcooleiros (MARTA, 2008).

Embora assim, é possível afirmar que o setor sucroalcooleiro no Brasil e em Mato Grosso vem sofrendo diversas mudanças, como a tentativa de retomar projetos que levem em conta o meio ambiente e o mercado de trabalho. Na linha de Marta (2008) é possível citar a Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima: o governo brasileiro tem mostrado interesse em manter e reativar o Proálcool por ser um combustível estratégico para o desenvolvimento. Por outro lado, o surgimento, em todo o mundo, de novos tipos de veículos e tecnologias de motores — como é o caso dos motores de pilhas a combustível e dos veículos “flex fuel” — tem auxiliado nas mudanças e na postura do setor industrial em relação a outros agentes do mercado.

5 COMPETITIVIDADE SUCROALCOOLEIRA

Do ponto de vista das teorias de concorrência, a competitividade pode ser definida como a capacidade sustentável de sobreviver e, de preferência, crescer em mercados correntes ou novos mercados. A sustentabilidade implica em que essa posição seja consistente com a realização de lucros não negativos

(FARINA, 1999).

Na trilha de Farina (1999), decorre dessa definição que a competitividade é uma medida de desempenho das firmas individuais. No entanto, esse desempenho depende de relações sistêmicas, já que as estratégias empresariais podem ser obstadas por gargalos de coordenação vertical ou de logística.

A influência do ambiente institucional na posição competitiva provocou a desregulamentação do setor sucroalcooleiro, contribuindo, assim, para ampliar a eficácia e a competitividade do etanol brasileiro. Isso porque, com o fim do controle estatal, os produtores de etanol tiveram de se adaptar ao livre mercado e caminhar sem os incentivos, os subsídios e a coordenação do Estado (BUAINAIN e BATALHA, 2007).

Nesse contexto, Buainain e Batalha (2007) descrevem que esses atores desenvolveram um conjunto de competências visando vantagens competitivas, destacando-se as iniciativas tendentes a aumentar a eficácia técnica da produção, de reformular as estruturas organizacionais das firmas, de aperfeiçoar e até mudar os padrões tecnológicos e gerenciais vigentes, e de buscar maior coordenação setorial.

Além do ambiente institucional favorável, as inovações tecnológicas e organizacionais, adotadas pelas usinas e destilarias brasileiras pós-desregulamentação estatal, têm garantido a competitividade interna do etanol em relação à gasolina e, ao mesmo tempo, assegurado ao país a liderança em custos no mercado mundial do produto (BUAINAIN e BATALHA, 2007).

Buainain e Batalha (2007) fazem alusão aos investimentos que a iniciativa privada — sobretudo grupos de usinas de São

Paulo — está realizando na expansão da capacidade de embarque, armazenamento, interligação de ferrovias, modernização e automatização dos terminais. O país deve solucionar importante gargalo com vista à expansão das exportações brasileiras de etanol nos próximos anos.

Do ponto de vista interno, o Brasil já dispõe de grande infraestrutura logística para o suprimento das necessidades atuais e futuras em termos de álcool, sendo capaz, também, de atender à implementação do programa de produção e uso de biodiesel. De acordo com Buainain e Batalha (2007), as bases de distribuição de combustíveis estão espalhadas em todos os estados da Federação, conforme a lógica econômica e comercial dos agentes privados e das distribuidoras que atuam nesse mercado.

Cana-de-açúcar (Toneladas por Hectare)								
	Mato Grosso do Sul				Mato Grosso			
	1970	1980	1990	2000	1970	1980	1990	2000
Área	1.250	5.826	67.921	98.958	1.450	7.200	65.034	135.029
Rendimento	23,81	41,55	61,74	58,99	30,94	42,78	46,69	62,73

Fonte: (IBGE, 2007 apud VIEIRA JUNIOR et al., 2009)

Tabela 1. Evolução decennial da área colhida (ha) e do rendimento (Toneladas por hectare) nos Estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, nos anos de 1970, 1980, 1990 e 2000.

Fonte: (IBGE, 2007 apud VIEIRA JUNIOR et al., 2009)

As políticas adotadas devem evitar o excesso de concentração da produção que vem ocorrendo no país. A expansão para áreas do Centro-Oeste, por exemplo, já é beneficiada pelos baixos preços da terra e pela regularidade climática local, contudo ainda escasseiam incentivos públicos para fixar, definitivamente, usinas e destilarias nessas regiões (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento — MAPA,

2005, p. 47-48, apud BUAINAIN e BATALHA, 2007).

No Estado de Mato Grosso do Sul, o processo “construção do solo de cerrado” estava concluído, ou muito próximo, na década de 1990, pois a participação da cultura da cana-de-açúcar na área total de lavouras temporárias já era significativa. Além de quê, o rendimento dessa cultura era maior que a média nacional e não houve aumentos significativos nas décadas de 1990 e 2000. Já em Mato Grosso, o que se observa, entre os anos de 1900 a 2000, é o aumento do dobro de área colhida, além do rendimento em toneladas por hectare de cana de açúcar.

5.1 COJUNTURA SUL MATO-GROSSENSE:

Em 2006, ocorreu a consolidação da expansão sucroalcooleira para o Centro-Oeste. Apenas no Estado de Mato Grosso do Sul, foi protocolada no Conselho de Desenvolvimento Industrial – CDI a intenção da instalação de mais de 40 indústrias. Caso a instalação desses empreendimentos se efetive, poderá haver um crescimento superior a 300% na capacidade de produção de açúcar e álcool do Estado (PEREIRA et al., 2007).

Tamanho crescimento decorre de diversos fatores que culminaram numa conjuntura extremamente propícia ao desenvolvimento da cadeia sucroalcooleira. De acordo com Pereira et al. (2007), os fatores favoráveis vão desde o âmbito da economia mundial, nacional, até abraçar uma conjuntura do próprio Estado.

A região Centro-Oeste, de forma geral, particularmente o Estado de Mato Grosso do Sul, na descrição de Pereira et

al. (2007), demonstra sua proximidade aos grandes centros consumidores, suas possibilidades em termos de logística, pelos preços mais baixos das terras se confrontados com outros Estados, fatores que se complementam com a grande disponibilidade de áreas e com o clima favorável. Daí por que se apresenta como importante alternativa para o desenvolvimento desta cadeia.

As unidades industriais em operação estão localizadas em oito municípios: Maracaju, Sidrolândia, Naviraí, Sonora, Nova Andradina, Aparecida do Taboado, Rio Brillhante, Brasilândia, conforme o Conselho de Desenvolvimento Industrial do Estado de Mato Grosso do Sul, CDI-MS (2007).

A crise em que se encontra a pecuária, com o fechamento das exportações devido aos focos de febre aftosa e aos baixos preços da arroba bovina, conjuntamente com a crise da sojicultura, provocada pelas seguidas frustrações de safra e pelo baixo preço internacional da soja, também estimularam a diversificação da produção favorecendo a cana. Entretanto, em razão da demanda por alternativas a estas atividades agropecuárias, associada à redução da procura e da valor das terras, tudo isso vem provocando elevada adesão dos produtores agrícolas ao setor canavieiro, principalmente em função dos benefícios fiscais que o Estado oferece às empresas sucroalcooleiras (PEREIRA et al., 2007).

5.2 CONJUNTURA MATO-GROSSENSE

Na esteira das estimativas do Sindálcool para 2008, a produção de álcool hidratado (combustível) apresentará um

incremento de 3,32%, passando de 511 milhões de litros para 528 milhões. Já a produção de álcool anidro, utilizado na mistura à gasolina, sofrerá recuo de 12 milhões de litros, caindo de 382 milhões de litros para 376 milhões de litros na produção, por força do maior consumo do álcool hidratado.

Diante disso, a produção será garantida pelas 11 destilarias em funcionamento no Estado de Mato Grosso: Itamarati, Cooprodia, Libra, Cooperb I, Pantanal, Barrálcool, Gameleira, Jaciara, Cooperb II, Usimat, Alcoopan, que, nesta safra, estarão gerando cerca de 17 mil empregos diretos no setor. Deste total, 80% estarão nos canaviais (corte de cana) e outros 20% na indústria. Das 11 usinas de Mato Grosso, a Cooperb I (localizada no município de Lambari d'Oeste), Usimat (Campos de Júlio), Itamarati (Nova Olímpia) e Libra (São José do Rio Claro) já iniciaram a operação em 2008. O interior de Mato Grosso se transformou num verdadeiro canteiro de obras. Entretanto, boa parte das usinas que irão entrar em operação daqui por diante, escolheu a região em virtude da proximidade da matéria-prima .

A ampliação da produção de cana-de-açúcar, em Mato Grosso, a partir de 2008, poderá garantir, até 2011, o volume necessário para o transporte de etanol por meio do poliduto . São 2,8 bilhões de litros de biocombustível estimados pela Transpetro (subsidiária de transporte e logística da Petrobras), para viabilizar que o Estado faça parte do poliduto que sairá de Paranaguá, no Paraná, passando por Mato Grosso do Sul.

Na safra 2007/2008, a cana-de-açúcar ocupou 220 mil hectares no Estado, e o Sindicato das Indústrias Sucroalcooleiras de Mato Grosso (Sindálcool) previa uma produção de 800

milhões de litros de álcool nas onze usinas instaladas aqui. Portanto, será preciso praticamente triplicar a produção de etanol para atingir o volume exigido pela Transpetro. O Estado de Mato Grosso tem, no Brasil, o maior potencial para produção de etanol, conforme relata o presidente da Transpetro. Ao todo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso terão de atender a uma demanda de 4 bilhões de litros de biocombustível para que a subsidiária da Petrobras invista na construção do poliduto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período entre 1999/00 e 2006/07, houve um aumento no tamanho médio das agroindústrias sucroalcooleiras no Centro-Sul do Brasil. A safra brasileira de cana-de-açúcar 2007 e 2008 foram superiores à dos anos anteriores em todas as regiões e se apresenta predominantemente alcooleira: 53% do total a ser esmagado convergirão para a extração de 20,8 bilhões de litros de álcool e 47% serão direcionados à fabricação de 29,6 milhões de toneladas de açúcar. O Estado de Mato Grosso encerra o maior potencial para produção de etanol no Brasil. No entanto, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso terão de atender a uma demanda de 4 bilhões de litros de biocombustível.

A região Centro-Oeste, especialmente o Estado de Mato Grosso do Sul, apresenta-se em posição privilegiada diante de sua proximidade com os grandes centros consumidores, em termos de logística, preços mais baixos das terras em relação a outros Estados, e também pela grande disponibilidade de áreas propícias à atividade canavieira. Somando-se ainda o

clima favorável, desponta como alternativa especial para o desenvolvimento desta cadeia.

Em Mato Grosso, grande parte das destilarias se instalaram ou estão em fase de instalação, principalmente pelo grande pulso desenvolvimentista pelo qual passa a região, proporcionado pela expansão da sua fronteira agrícola, assim como também pela ampliação do plantio da cana de açúcar nas propriedades rurais. Isso vem se constituindo como uma alternativa, principalmente à sojicultura, em função da grande incidência de doenças apresentadas na cultura dessa leguminosa, contribuindo para um ligeiro aumento em seu custo de produção. Daí por que a atividade canavieira emerge como uma nova alternativa ao agricultor neste processo gradual de substituição em suas áreas de plantio. Não bastasse, esta atividade, aberta esta nova fase, pode se apresentar-se como opção ao incremento da renda proporcionada pela atividade agropecuária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCARIN, José Giacomo; Alves, Francisco José da Costa; Gomes, Luiz Felipe Campos Emprego e condições de trabalho dos canavieiros no Centro-Sul do Brasil, entre 1995 e 2007. UNESP/FCAV. Jaboticabal/SP. XLVI – **Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 20 a 23/07/2008.

BACCARIN, José Giacomo; Gebara, José Jorge; Factore Cíntia Oliva. Concentração e integração vertical do setor sucroalcooleiro no Centro-Sul do Brasil, entre 2000 e 2007. **Informações Econômicas**, SP, v. 39, n. 3, mar. 2009.

BUAINAIN, Antônio Márcio; Batalha, Mário Otávio. **Cadeia produtiva da agroenergia / Ministério da Agricultura,**

Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura;– Brasil. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Brasília: IICA: Mapa/SPA, 2007.

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento (2008)

FARINA, Elizabeth M.M.Q. Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: um ensaio conceitual. Artigo publicado na Revista **Gestão & Produção**, vol. 6, n. 3, December 1999:147-161.

<http://www.anuariodacana.com.br/>⁶ Acesso em 11-08-09

<http://www.biodieselbr.com/noticias/biodiesel/mato-grosso-concentra-usinas-biodiesel-19-03-07.htm>. Acesso em 11.08.09

MARTA, José Manuel Carvalho. Módulo I: **Ambiente da indústria sucroalcooleira. Curso de especialização em gestão na indústria sucroalcooleira.** UFMT, 2008.

PEREIRA, Marcelo Castro; Michels, Ido Luiz; Rodrigues, Jordana Duenha; Campelo, Estevan Henrique Risso; Meurer, Roberto. A expansão da cadeia sucroalcooleira em Mato Grosso do Sul. **XLV-Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, Londrina 22 a 25 de junho 2007.

SATOLO, Luiz Fernando; Bacchi, Mirian Rumenos Piedade; Dinâmica econômica das flutuações na produção de cana-de-açúcar. Esalq/USP, Piracicaba–SP. XLVI – Congresso da **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 20 a 23-07-2008.

SATOLO, Luiz Fernando; Diehl, Daiane Aspectos nacionais e regionais do crescimento da produção brasileira de cana-de-açúcar.; Esalq / USP, Piracicaba. SP XLVI – **Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 20 a 23-07-2008.

VIEIRA Junior, Pedro Abel; Buainain, Antonio Marcio; Silveira, José Maria Ferreira Jardim da; Vieira, Adriana Carvalho Pinto. A produção brasileira de cana-de-açúcar e o deslocamento da fronteira agrícola no Estado de Mato Grosso. Cuiabá - MT. **VIII Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica**. 5 a 7 de agosto de 2009.

WAACK, Roberto Silva, Neves, Marcos Fava. Competitividade de agribusiness brasileiro: competitividade do sistema agroindustrial da cana-de-açúcar. PENZA/FIA/FEA/USP. São Paulo. 07 de 1998.

www.seplan.go.gov.br/energias/news/cana%20mt.doc⁷ Acesso em 11-08-09.

6 <http://www.anuariodacana.com.br/> Acesso em 11-08-09

7 www.seplan.go.gov.br/energias/news/cana%20mt.doc Acesso em 11-08-09

